

Editorial

O segundo semestre de 2014, sem dúvida, foi marcado pela disputa de diferentes projetos de classes no Brasil. Não nos referimos aqui às eleições gerais e à bipartidarização acentuada pela mídia, mas às lutas impulsionadas, em parte, pelas *Jornadas de Junho* – como as ocupações urbanas e a retomada de movimentos reivindicativos dos trabalhadores –, que colocaram em suspeição a capacidade do projeto político em curso de contenção das insatisfações sociais. Assistimos, assim, à ofensiva burguesa expressa pelo processo de criminalização dos movimentos sociais e de seus militantes, à militarização da questão social, à busca de garantias para a expansão do capital diante do recrudescimento da crise econômica no Brasil, porém sem a unidade classista em torno de qual partido político da ordem melhor seria seu gestor no Estado quando vitorioso nas eleições gerais.

A fotografia que abre a presente edição, *Nossa Copa é na rua*, captura um instante desta conjuntura, na abertura da Copa do Mundo, no Brasil. Por ela, agradecemos a Luiz Fernando Nabuco e à ADUFF.

Os textos ora publicados – sob a perspectiva do materialismo histórico – visam contribuir para a reflexão dos processos históricos complexos e conflituosos e também, de certa forma, da conjuntura. Aliás, esta é aposta teórico-prática que funda nossa Revista.

A estagnação secular e o futuro do capitalismo, de Eleutério F. S. Prado, abre a seção **Artigos**. Em mais uma contribuição à *Marx e o Marxismo*, o autor examina a polêmica tese de Lawrence Summers – a chamada “estagnação secular”. Sinteticamente, Prado indica que Summers apenas consegue enxergar o fenômeno, e que é necessário recorrer a Marx para se compreender o que está corroendo o capitalismo contemporâneo.

Bianca Imbiriba Bonente, em seu *Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista*, traz-nos uma ampla e oportuna visão sobre as noções de desenvolvimento, tão comuns quanto polêmicas. A autora confronta a visão marxiana com as noções mais correntes, revelando que estas, na melhor das hipóteses, realizam uma “crítica positiva” do capitalismo e de seu desenvolvimento.

Marcelo Dias Carcanholo e João Leonardo Medeiros utilizam uma via bastante interessante para também discutir a problemática da crise capitalista: a

perspectiva do cinema estadunidense sobre as causas da *débâcle* econômica. Com efeito, em *O Feitiço do Tempo: a crise financeira de 2007/2008 nas telas do cinema*, os autores desvelam a perspectiva de algumas obras cinematográficas que pretendem analisar, ou pelo menos, retratar a crise de 2008.

Encerrando este primeiro bloco de artigos que tratam das crises e dos limites estruturais do modo de produção capitalista, Patrick Galba de Paula, oportunamente, oferece-nos a sua análise marxista de um *best-seller* mundial, que estabelece críticas ao capitalismo somente naquilo que o marco reformista é capaz de suportar. Em *Apontamentos para uma crítica marxista ao Capital no Século XXI de Thomas Piketty*, o autor contraria as leituras que associam a obra de Piketty a *O Capital*, de Karl Marx.

Em *Considerações sobre a Reprodução das Relações Sociais e a Produção do Espaço no Pensamento de Henri Lefebvre*, Mônica Brun Beveder, como o próprio título explicita, põe em destaque o papel do *espaço* na (re)produção das relações sociais. Uma das conclusões da autora é que “a vida cotidiana e o espaço, *lôcus* privilegiados da alienação, podem ser o lugar das transgressões”.

No artigo *A “estratégia democrática e popular” e um inventário da esquerda revolucionária*, dos autores Caio Martins, Fernando Correa Prado, Isabel Mansur Figueiredo, Stefano Motta e Victor Neves de Souza, somos convidados a refletir sobre estratégias da esquerda no Brasil, através de duas expressivas organizações partidárias ao longo das últimas décadas, o PCB e o PT. Nomeadamente, os autores analisam a “transição do ciclo do PCB – correspondente à estratégia nacional e democrática– ao ciclo do PT – estratégia democrática e popular”.

As contradições que emergem dos processos organizativos autogestionários são objeto de análise de Renake B. David das Neves em *Tempo de trabalho e tempo livre entre os trabalhadores das Empresas Recuperadas na Argentina*. A experiência dos trabalhadores – que assumiram parcialmente os meios de produção, nos marcos de sociedade capitalista – podem revelar, segundo a pesquisa realizada pela autora, “muito sobre as feições da dominação de classes capitalista, de sua internalização e também de sua contestação”.

A seção *Artigos* é encerrada com *Estado, Classes sociais e Educação*, de Camila Azevedo Sousa. No texto em tela, a autora apresenta uma síntese das contribuições de Marx e Engels ao debate sobre a educação, ponto de partida necessário seja para a crítica radical aos projetos educativos do Capital, seja para as formulações que visam a sua superação.

O que está em jogo no “Mais Mises, menos Marx”, de André Guimarães Augusto, abre a seção **Notas Críticas**. Nas universidades brasileiras têm aparecido adesivos e cartazes com o *slogan* “Mais Mises, menos Marx”. O objetivo destas notas é ir ao pensamento de *Von Mises*, revelando seu conceito de liberalismo, sua apreciação do fascismo e, com isso, questionar quem realmente os seus adeptos, no presente, visam atingir com sua propaganda.

Em 2014, o México foi notícia, em âmbito mundial, por causa do desaparecimento de dezenas de estudantes normalistas das Escolas Normais Rurais. Este é o trágico tema de Andrea Santos Baca em *A desapareição forçada de 43 estudantes mexicanos: a história de um crime de Estado que mostrou ao mundo a barbárie existente no México*, que encerra a seção **Notas Críticas**.

Na seção **Luta e Memória**, são expostos dois documentos: a *Carta de Marx a Engels sobre a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores*, selecionada e apresentada por João Leonardo Medeiros, e o documento *Chilavert Recupera: Pensamento, pesquisa e produção cultural na Américas*, selecionado e apresentado por Renake B. David das Neves. Este último nos coloca diante dos desafios de uma experiência contemporânea de organização e formação em uma das empresas recuperadas por seus trabalhadores, já analisada na seção **Artigos**.

A publicação da carta de Marx a Engels, no terceiro número de *Marx e o Marxismo*, é oportuna pela comemoração dos 150 anos de fundação da I Internacional e pelo papel que Marx desempenhou nesta histórica experiência.

Com este número, a atual equipe de editores se despede. Nossos agradecimentos a todos aqueles sem os quais o trabalho de editoria não faz sentido: autores, avaliadores, revisores, diagramadores e, principalmente, aos leitores de *Marx e o Marxismo*.

Por mandato de dois anos, estabelecido pelo colegiado de membros do NiepMarx, a comissão editorial, que ora se despede, começou a trabalhar em fins de 2012, com a tarefa de elaborar a proposta editorial e de lançar a Revista em 2013.

Fruto de um trabalho coletivo, que coube à comissão editorial coordenar, foram lançados os números 1 (2013), 2 e 3 (2014). Com o sentimento de termos cumprido nossa incumbência, e com a certeza de que muito ainda precisava ter sido feito, nos despedimos agradecendo a oportunidade acadêmico-militante de dirigir este novo veículo de debate do marxismo no Brasil.

Por fim, registramos uma singela homenagem aos marxistas Carlos Nelson Coutinho, Ciro Flamarion Cardoso, Leandro Konder e Reinaldo Carcanholo por suas incontornáveis contribuições.

O NIEP-Marx agradece ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro para a preparação desta edição.

José Rodrigues, Kênia Miranda e Luciana Requião.

Os Editores
Verão de 2014.